



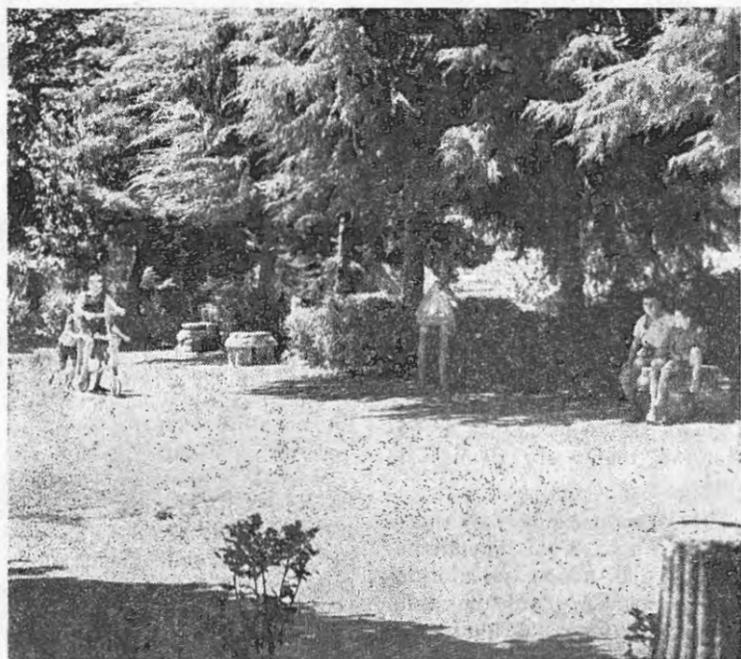
Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

21 DE DEZEMBRO DE 1963
ANO XX — N.º 516 — Preço 1

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA FUNDADOR: Padre Américo VALÉS DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO



Eles e a bicicleta, num belo recanto da nossa Aldeia de Paço de Sousa.

ÁFRICA

TODOS os dias dou uma volta pela pequena parte cultivada desta granja de 3 hectares. A volta não é demasiado grande, pois o terreno arado anda pelo de Paço de Sousa ou Beire e a área cultivada pouco passará de metade. Um grande bananal já foi limpo, a maior parte a nossos Rapazes, e está sendo regado todos os dias. São cinco furros prontos a dar três polegadas cheias as 12 horas do dia — que não as negariam durante as 12 da noite se lhas pedíssemos!

Há cinco dias semeámos feijão... Fiquei espantado ao encontrá-lo hoje, tão viçoso, uma manta travessa acima da terra. As couves velhas tira-se-lhes um talo que se enterra em canteiro novo — o novo couval. O bananal cansado transplanta-se para terreno novo — ei-lo rejuvenescido. As folhas das bananeiras caem e enterram-se — eis o estrume e o adubo que garantem a sua frutificação. Mil dúzias duas vezes por ano. Uvas da mesma sorte. A maior parte dos mimos da horta podem pôr-se a qualquer época: dão sempre. Os nossos Rapazes metropolitanos têm-se regalado. O Chico, então, com dez bananas como quem enche a cova de um dente. Mas não daquelas típicas bananas que mais abundam em Portugal europeu! Uma destas vale por três das outras, que, quando lá aparecem, não se compram por menos de 1\$50 cada. Pois aqui considera-se razoavelmente vendido um cacho delas por 10

Todos os dias, ao longo da minha volta, eu vou ruminando estas realidades comezinhas.

Como Deus é grande e serve aos homens, aqui e acolá, terra onde corre o leite e o mel! E os homens?...

...Demarcam-nas, reservam-nas, são capazes de se matar por causa delas... e às vezes, trabalham-nas o menos possível para justificar uma manadilha de gente pronta para o seu ordenado ao fim de cada mês.

No 1.º Domingo do Advento, a Igreja canta: «Dominus dabit benignitatem: et terra nostra dabit fructum suum».

O amor de Deus, só por si, é fecundante. Mas a terra clama também pelo amor dos que lhe chamam sua.

Em volta desta granja há várias fazendas, algumas pequenas. Adubadas com o suor dos que as possuem, elas frutificam na medida em que o dono as pisou. E quase todas são bem pisadas!

O trabalho, neste caso, é o sacramento do amor. Pena que nem sempre este amor seja suficientemente puro e aberto para que o fazendeiro não se perca da lembrança de que há outros homens e outros interesses e direitos que não somente os seus.

Mas aquele homem que se esforça com o seu esforço, quando não cai na dureza e no egoísmo que encontra muitas vezes ao longo da sua penosa ascensão, dispendendo algumas delas em desinteresse ou inércia — é ainda grande valor humano que Deus acha nestas nossas terras, para juntar à Sua bênção, só por si fecundante, afim de que este vale e todos os Cavacos de Angola abundem em frutos.

O que muito abunda é o amor. São mais os funcionários que os pioneiros. Muitos os que procuram servir-se. Raros os dispostos a servir — aqueles que concórdia o seu bem estar e os seus interesses incluídos no Bem-Comum.

Por isso a vida é tão complexa cada. E, sendo a bênção de Deus sobre algumas porções desta nossa terra uma evidência, nem

«Nós temos de pensar e de amar e de pedir muito a Deus pelos que seguiram rumo a essa Angola enorme, tão necessitada da nossa presença. A nossa Obra enraizar-se-á aí tanto melhor quanto mais nós pedirmos e merecermos de Deus a Sua ajuda sem limites. Isto é uma verdade que nós temos de trazer dia a dia, hora a hora, nas nossas almas. E todos nós precisamos que esta verdade seja reavivada».

Não sou eu, meus Rapazes; é um de vós, um de vós que tem a consciência certa dos valores e me diz isto que vos repazes e vos devolve. Bendi to seja Deus!

Primeiro que tudo: «Nós...», «A nossa Obra»... Ele fala num plural que todos nós constituímos e de que nenhum, segundo a verdade e a justiça do nosso ser familiar — pode dispensar-se. Este «nós» abrange-nos: aos nossos padres, às senhoras que servem a Obra com consciência esclarecida do que ela é e vale, a todos vós, rapazes, e até a alguns amigos de fora, mas tão de dentro, que em verdade são banhados pela nossa circulação familiar.

«Nós temos...» Trata-se portanto de um dever que cabe a todos sem excepção, embora em grau diverso.

Segundo: «Temos de pensar, de amar, de pedir e de merecer pelos que seguiram...».

É verdade. O enraizamento da nossa Obra ao serviço do Reino de Deus nesta «Angola enorme» depende do valor da «nossa presença».

Continua na TERCEIRA página

Cantinho DOS RAPAZES

Benguela

Por ANTÓNIO DE AZEVEDO



AQUELE dia 14 às 13,30 h. o «Rita Maria» aproximava-se vagarosamente. A uma distância onde se diferenciavam mal as pessoas que se aglomeravam no cais notavam-se os acenos de entusiasmo e frenesi pela chegada de familiares ou amigos que no referido navio vinham, rumo à extensa província de Angola, prometedora de tesouros inesgotáveis, mas que exige menos sacrifícios e renúncias por parte de quem vem. No meio da grande multidão ansiosa que o «Rita Maria» atracasse, divisam-se irmãos nossos com suas esposas que nos vieram esperar ao porto de Luanda. Com eles conversámos e rimos numa

alegria de júbilo indescritível. Obrigado Fernando Bártolo, Domingos, Fernando Inácio e Rui pelo prazer e afecto com que confraternizámos animadamente convosco, o pouco tempo que nos destes, no vosso gesto de amizade e simpatia que revela grande inteireza de carácter e reconhecimento pela Obra que foi vossa mãe e vos lançou no caminho para alcançardes o êxito na vida.

Em seguida fomos dar uma volta pela cidade e aproveitámos a ocasião de provar uma deliciosa «Nocal». Ao entardecer voltámos à casa flutuante e lá pernoitámos até ao dia imedia-

Continua na TERCEIRA página

Continua na SEGUNDA página



O filho do Celestino!

NOTA DA QUINZENA

Chegou o correio. Um officio da Câmara Municipal perguntava, demandada não sei porque Secretaria de Viação:

«A fim de poder responder ao que me é perguntado pelo Comando da Polícia de Segurança Pública de Lisboa, rogo a V. se digne informar-me, com a urgência possível, do tipo, marca e cor da viatura automóvel n.º BD-42-92 e bem assim do nome, idade, estado, profissão, filiação, naturalidade, residência e ainda o número e data da carta de condução do condutor que às 12 h e 35 minutos do dia 21/9/1963, estacionou a referida viatura em frente ao n.º 101 da Rua do Carmo, da cidade de Lisboa, entre placas que proibem o estacionamento, em contravenção com o disposto no n.º 2 do art.º 4.º do Regulamento, em Contravenção com o disposto no n.º 2 do art.º 4.º do Regulamento do Código Estrada».

Este carro, um Opel Reckord que nos foi dado após um desastre «para ser consumido ao serviço dos Pobres», vai a caminho de Malanje para remediar, enquanto não pudermos ter ali a carrinha necessária. Servia à data do officio, a nossa Casa de Setúbal.

Decreto foi assim: Padre Acílio levou-o a Lisboa por causa de recados e, para despachar um deles e voltar quanto antes com sua presença muito útil à Casa que lhe está confiada, parou-o no tal lugar indevido aqueles poucos minutos. Um senhor guarda viu e assentou a matrícula do carro. Chegado à sua esquadra, alguém officiou para a tal Secretaria de Viação. Desta, officiarão para a Câmara; e daqui para Paço de Sousa, conforme a transcrição acima. Depois foi o regresso. Eu respondi à Câmara; esta comunicou à tal Secretaria de Viação... E como a coisa não deve ter ficado resolvida, aí andam duas Secretarias, fora a «nossa», com officios para cá e para lá.

Tudo muito certo. É a lei e o zelo da lei. Mas que lei?...

Uma lei humana, convencional, que hoje proíbe o que antes permitia, e amanhã poderá alterar a regra, não por capricho, é evidente!, mas por razões transitórias, de conveniência.

* * *

Outra vez o correio. Outro officio. Este da Autoridade Civil de um dos nossos distritos. A acompanhar o dito, o relatório e a informação de uma Trabalhadora Social:

Um pai abandonou a família. A mãe — por fraqueza ou por miséria, Deus sabe — caiu. E além de mais duas crianças, há dois rapazitos que passam o dia na rua enquanto a mãe lhes ganha o pão e à noite, enquanto o comem, testemunham cenas que melhor fôra não serem.

Conclusão: «Pergunte-se à Casa do Gaiato se as pode receber».

E eu pergunto: Quem deu um passo — um só que fosse! — para saber daquele pai cujo abandono do lar produziu este drama? Quem?

Será que um homem que contrai Família, não tem obrigações para com ela? Serão estas obrigações convencionais, transitórias, de mera conveniência? Ou não serão os vínculos da paternidade, de direito natural e divino, um valor absoluto, e primário numa sociedade de que a família é a célula fundamental?

Mas quem deu um passo, quem os dá para encontrar e chamar à responsabilidade este pai e tantos pais e mães que andam por este mundo à deriva?...

* * *

Felizes das leis do trânsito, que ainda há quem nas zele!

«O Gaiato» ★
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Aqui Lisboa

Por PADRE LUIZ

Antes de me deitar, aprecio ir pelas camaratas, sobretudo quando já dorme toda a comunidade. À medida que vou passando, trago ao espírito os anseios, as dificuldades e os problemas que a cada um dizem respeito; por vezes paro, e, contemplando o belo quadro que é sempre uma criança profundamente mergulhada no sono, detenho-me uns instantes mais, em meditação.

Ontem, enquanto lá fora chovia torrencialmente e dentro de casa se ouvia apenas a respiração mais ofegante de alguém, a cena repetiu-se. Parei junto da cama do Moreno e sentei-me. O seu corpo franzino, nada a condizer com os seus quase treze anos, mal se adivinhava por entre a roupa. Não dei pelo correr do tempo e, ao pousar os meus lábios pecadores sobre o cabelo desalinhado do Moreno, era hora adiantada. Parti rezando e, paradoxalmente, com uma sensação mista de tristeza e alegria.

A história do Moreno é apenas um símbolo e conta-se em duas linhas. Há-as mais trágicas cá em casa, apesar de tudo. Nasceu numa linda cidade alentejana, onde até as pedras nos falam das gran-

dezas e misérias dos homens, filho, com mais quatro irmãos, de um humilde trabalhador rural e de uma pobre lavadeira de melhores condições de vida, resolveram transferir-se para as proximidades de uma importante vila do sul do país. Tomaram a camionete e, eis que, no percurso, o chefe de família abandona a mulher e quatro dos filhos. A pobre segue para a terra, onde leva uma existência cada vez mais dolorosa. A fome e a doença conduzem, dentro em pouco, à morte de duas das crianças e, finalmente, à da própria mãe. O Moreno e o irmão ficam sós, abandonados, alimentam-se da bolota dos montados por onde passam a maior parte dos dias. Vivem assim dois anos, juntar ao tempo da doença da mãe.

O Moreno é nosso há quase cinco anos. Aqui encontrou, dentro das nossas possibilidades, a cama, o caldo, a escola e a assistência a que tinha direito.

São, porém, evidentes as marcas físicas e psíquicas que lhe deixaram privações sem conta, em tão tenra idade. Até onde se conseguirá apagar a influência de tanto sofrimento só a Deus pertence conhecer.

Recordo que, em tempos, se discutiu acaloradamente o problema do abandono dos filhos por parte dos pais. Desconheço se há justiça no papel, mas, de qualquer modo, numa sociedade que se diz cristã, pelo menos nas estatísticas, este problema e o dos filhos de pais incógnitos estão, há muito, a urgir solução corajosa. O mesmo se diga dos Pobres e abandonados, que devem encontrar, no seu próprio ambiente, auxílio substancial e digno. Os luxos desmedidos, o mau uso dos bens que Deus confiou aos homens e toda a espécie de dissipação escandalosa das fortunas pedem, em nome da justiça, combate enérgico. Ao Estado não se pode exigir tudo e cada um, na sua esfera de acção, pode e deve contribuir para as suas possibilidades reais, para resolver tão magnas questões.

Tu, que me lês, já compreendeste as razões da minha tristeza. Resta-me falar da minha alegria: Tu e eu, de mãos dadas, com o auxílio de Deus, que não faltá, podemos acudir aos Morenos que por aí há e precisam da nossa ajuda. Vem depressa; amanhã pode ser tarde, para eles e para nós...

P. S. — Cá esperamos o teu bilhar, que dizes estar um tanto estragado.

Olha, há cá carpinteiros!

ORDINS

Até que finalmente vai diminuindo o recheio do nosso pequeno armazém: as camisolas, carpetes, tapetes, cobertas, peçgas e capas estão quase a acabar; os chales (os famosos «chales de Ordins») é que ainda são muitos.

Ora isto é sinal de que tem havido muitas encomendas, e de que temos de pôr mais gente a trabalhar.

E, trabalhando, «ganha-se a vida». Apetecia-me para pensar e levar-vos a pensar comigo um pouco acerca desta expressão popular, tão rica de sentido: «Ganhar a vida» é sair dela vitorioso. — Então nós, perante a existência,

temos de lutar?

Sim, «a vida é uma luta», que só acaba quando passarmos desta e ficarmos na outra; luta contra tudo o que seja mau, a favor do Bem, para que triunfe, em nós e nos outros.

Pois ganha-se a vida com o trabalho. Abençoado seja. E como já vemos que «a ociosidade é a mãe de todos os vícios!» Ela faz perder a vida.

Ó vida, ó luta, em que todos entram, e de que vitoriosos sai senão vitorioso ou derrotado!

Isto vinha a propósito de termos de «meter» mais gente a trabalhar em Ordins. Alegremo-nos: há

necessidades que se podem satisfazer, até com gosto.

É o Senhor a querer tornar um bocadinho menos pesada a cruz que amorosamente nos deu. Bendito seja.

E esta é a maior notícia que tinha para dar.

Ainda nem hoje me refiro ao poço (a água já corre em casa), nem à campanha do novelo e das tiras.

Por agora termino, pedindo que continueis a fazer muitas encomendas. Nós sempre as atendemos.

E quem é que nos dá trabalho para «ganhar a vida»?

P. e Vieira

AFRICA

Cont. da PRIMEIRA página

sempre os frutos abundam, ou se sim, não estendem o seu bem aonde deviam chegar. Enquanto em Benguela, por exemplo, nos afogamos em bananas, das melhores que há, às vezes apodrecendo por aí sem mercado — na Metrópole, talvez em outros pontos da Pátria total, escasseia o que aqui sobra com prejuízo para os de lá e para os de cá...

Verdades comestíveis que vou ruminando ao longo da minha volta, por entre os grupos dos nossos, por se debruçarem sobre a terra. E enquanto vou, vou pedindo a Deus que fecunde com a Sua bênção os corações dos nossos Rapazes, para que eles atem a terra e colham dela, em retribuição, os frutos para si e para os irmãos. E vou-lhe declarando também o meu amor.

★ BELEM ★

B STÃO a completar-se cinco anos, sobre o dia em que eu rodei a chave na porta e abalei para a cidade, à procura do indispensável para receber as primeiras pequenitas, que contava chegassem no dia seguinte, a 24 de Dezembro.

Os leitores já alguma vez experimentaram o que é não ter nada em casa? Ou, mais exactamente: o que é só ter água em casa?

Nem lenha, nem carvão, nem petróleo, nem sa!, nem azeite, nem sopa, nem pão, nem nada?

E sobretudo as donas de casa não sabem a complicação que é fazer compras em vésperas das grandes festas, e compras de artigos de primeira necessidade?

Eu fujo sempre de fazer compras em vésperas de Natal e Páscoa. Detesto os grandes ajuntamentos, onde ninguém se entende e todos se atropelam.

Porém, desta vez, a necessidade impediu-me e não houve outro remédio.

BENGUELA

Continuação da PRIMEIRA pág.

to. Daqui por diante continuamos viajando até pisarmos Lobito às 10,30 h. de sábado, dia 16.

Apreciando.

A quinta do Cavaco é muito extensa, sadia e excelentemente situada entre Lobito e Benguela. Solo de bons recursos, sendo bem tratado e explorado; boas avenidas e melhores árvores de fruto.

Segunda feira tivemos o primeiro comprimido: fazer limpeza à avenida central marginada por árvores de adorno e asseio. O frio era tanto que só nos apetecia andar de calção!

Quarta feira principiámos a labuta no bananal... E nas bananas isso nem se fala!: temos parecido uns «caleiras».

Aniversário:

Júlio, rapaz dos mais antigos na Granja, completou 18 risonhas Primaveras. Caminha prá flor da idade. As primeiras ilusões assediavam-no. Exerce a função de escriturário numa oficina de automóveis. A noite houve um pequeno brinde em honra do seu aniversário, para a malta maior.

Brincadeiras de mau gosto:

Foram encontradas as chaves do cemitério nas botas do Senhor Padre Manuel António. Menciono o pedido que dentro das mesmas vinha formulado: «Por favor leve a minha fotografia».

Atenção:

Amigos leitores ponham-se a pau que no próximo número vou atacá-los com pedidos. Vejam lá bem os ultramarinos, é para vós que falo.

Para alguns rapazes da Metrópole que nos queiram escrever com imenso gosto envio a direcção:

Casa do Gaiato — Benguela — Angola.

Até à próxima, se Deus quiser.

Carteira minguada de dinheiro e alma cheia de Belém, pareceu-me, à primeira vista, que a ocasião era a melhor para repartir pelos outros do que em mim abundava e da sua abundância receber o que de material necessitava para o começo da realização do meu sonho.

E lá fui, de loja em loja. Todas a regorgitar, os donos congestionados, nervosos e preocupados em não deixar fugir os melhores fregueses. Os caixeiros cansados e distraídos, sem saberem a quem atender primeiro. Enfim, uma balbúrdia. E eu, na balbúrdia, no barulho e no reboliço, dá-me logo para ficar muito caladinha, porque, mesmo sem o pensar, a intuição diz-me que não vale a pena falar.

O tempo fugia a olhos vistos, a noite aproximava-se rápida e eu sem encontrar em lado algum um pequeno lugar para Belém...

Ninguém sem tanta pressa que pudesse atender à minha pressa.

Ninguém que pudesse acrescentar à sua azáfama o favor de mandar trazer a casa algumas mercadorias.

Ninguém a quem a preocupação de faltar a sua mesa deixasse um momento para se ocupar das necessidades do Pobre.

Ninguém com tempo para pegar dum lápis e fazer desenhos.

Só, enfim, vender e comprar, comprar e vender.

O desilusão! Cansada e de alma dolorida, regressé à casa ainda fria e húmida com as poucas compras feitas dentro dum saquito de rede.

E que surpresa me esperava! O Senhor Padre Horácio com alguns Gaiatos e as quatro pequenitas com que eu só contava no dia seguinte.

Entrámos.
— O quê? Ainda têm a electricidade cortada?... — disse e e.

— Se fosse só a electricidade que faltasse... — respondi eu.
— Só ontem cheguei da Escola e tomei conta da casa.

Ele deu a volta à casa e ficou muito calado. Depois despediram-se. Era noite e tinham de regressar a Coimbra.

Leitor Amigo, estará reservado em teu coração, neste Natal, um pequenino lugar para Belém? Creio que sim!

E que o Menino Deus te pague!

Inês

Casa das Belenitas — Vildemoinhos — Viseu.

Cantinho dos Rapazes

Continuação da PRIMEIRA pág.

E nem é fácil sermos sempre rectos por entre as dificuldades que teremos de vencer; nem são super-homens os que vieram; sim Rapazes como os que ficaram na Metrópole, escolhidos de entre eles, como seus deputados para realizarem aqui uma Obra que nos pertence a todos. Por isso temos de pensar nesta responsabilidade, de amar este encargo e de oferecermos este esforço como prece e pedirmos ao Senhor que o receba como merecimento. E enquanto os da Metrópole assim fazem com o pensamento nos seus irmãos que seguiram, merecem em favor destes e estão realizando a Obra, em toda a parte onde Deus tem mostrado querê-la.

Terceiro: Se não acreditássemos que Angola necessitava da nossa presença, não haveria razão para irmos. Assim acreditamos de facto. Mas, mais do que da nossa presença operante de uma acção assistencial em favor dos Rapazes pobres e abandonados de cá, Angola precisa de um sopro de espírito, que a rejuvenesça e purifique, como o pode fazer a mensagem de Pai

Américo, testemunho vivido de Confiança Providencial e da Verdade em 24 anos nunca desmentida, de que «a nossa riqueza é a nossa Pobreza».

Este testemunho mais exige dos que aqui ficaram para serem presença viva, a responder com a modéstia que lhes pertence, a uma necessidade real e aguda desta nossa Angola. Mais razão, pois, para pensarmos, para pedirmos, para merecermos.

Quarto: É para a maioria dos homens. Depressa e facilmente nos deixamos distrair pelas insignificâncias que passam.

Por isso «que isto é uma verdade que nós temos de trazer dia a dia, hora a hora, nas nossas almas», precisamos de a reavivar muitas vezes, pensando nela e procurando amá-la, porque menos se esquece o que se ama.

Aqui me tendes meus Rapazes, nesta gloriosa missão para um «padre da rua», de sublinhar, apenas sublinhar, as afirmações cheias de verdade que me fez um de vós, um que compreendeu e vive em plenitude o nosso lema, na consciência exacta dos valores que valem o nosso interesse.

sobre uma das orelhas. De pernas bambas, tronco comprido e corcovado, mãos deformadas pelos calos e pelo esforço, o Ti Toino é uma bandeira de heroísmo onde o rude trabalho rural sulcou exigências de energia e desânimo.

De alma alegre e simples o Ti Toino ri com facilidade pelas graças mais infantis. É correcto e delicado dentro da sua rudeza. Mesmo sem poder, quer dar sempre a impressão de bom rendimento no trabalho. A verdade é que quase

e portanto não há outro caminho senão o Asilo.

Eu entendi que não. Que um homem habituado ao ar livre, à vida continuamente ocupada, não podia acabar com felicidade os seus dias, num ambiente fechado, com outros velhos, sem actividade e preocupações. Pareceu-me que o Ti Toino morreria depressa no Asilo. Ele tem direito a continuar o seu trabalho e a ganhar o seu salário.

O Ti Toino é uma ferida. Ferida que eu quero aberta e sangrenta junto de mim para não adormecer nem amornar.

Trabalhou quase toda a vida para a mesma casa. «Lá atingiu o limite de idade».

Poderia parecer-te leitor que temos em casa o Ti Toino como um assistido. Não. Como um trabalhador e dos bons. Tenho cento e vinte rapazes que quero formar na Verdade e na Justiça. A sua presença fala-lhes de muitas maneiras. Não apreciamos a luz se nunca sentimos a escuridão. O Ti Toino irradia luz e escuridão.

Todos os dias, à hora do almoço, um dos refeiteiros lhe vai levar, da nossa, a sua comida. É embebecido que o velho recebe das mãos dele o seu almocinho. É enternecido que o refeiteiro lhe entrega a malga do caldo, o bocado de pão e o prato de «segundos». Os rapazes conhecem a história do Ti Toino. Por ser pública também a sua boa fama. Por isso é ele para nós um

Continua na QUARTA página



SETUBAL

«Caríssimo Padre José Maria

Podes crer que me custaram como nunca as incompreensões. Eu fui há dias convidado para uma reunião com os proprietários da região para tratarmos da evangelização dos seus trabalhadores. Não calculas a mentalidade fechada, egoísta, de uma injustiça de arrepiar..., revoltados contra os trabalhadores e quase impenetráveis ao Cristianismo embora alguns fossem cursistas. Eu perguntei-lhes como entendiam viver como irmãos. Resposta: Estamos agora a começar. Estarão? Eu não vejo nada. Não desanimo mas entristeço-me.

Aí vai um Setúbal a carregar na mesma tecla embora com um aspecto diferente».

O Ti Toino. É assim que eles chamam a um velhinho que trabalha na nossa quinta.

A mulher, idosa também, viera pedir-me que o metesse no Asilo. Num choro convulsivo, capaz de impressionar as próprias pedras, a Ti Rosa explicou-me a razão da sua súplica. É que o meu António foi despedido.

Pela sua honradez e amor ao trabalho, o Ti Toino é conhe-

cido na região, como tendo sido dos melhores braços que amanhavam as terras.

Tem setenta e dois anos. O seu rosto queimado pelo sol e habituado a todas as inclemências do tempo, a sua barba branca e suja são emoldurados por melenas compridas e sebtentas, cobertas de verão ou de inverno pelo mesmo barrete preto, dobrado ao meio, com a borla da mesma cor caída

Por PADRE ACÍLIO

nada faz, por não poder, mas vive ainda na ilusão de ser útil e continuar a trabalhar. Limpa os jardins, corta forragens para o gado, apanha ervas daninhas, etc....
Quando me encontra o Ti Toino em tom respeitoso e grato cumprimenta-me: — Se pede... saúde!

O Ti Toino é um símbolo. Viveu para trabalhar e trabalhou para viver. Agora, que não pode, foi despedido. O seu salário não deu para amealhar

«O Gaiato» ★

De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

PELAS CASAS DO GAIATO

TOJAL

NATAL — Estamos na quadra festiva do Natal. Natal para os Portugueses significa, além de Nascimento, Amor! É por ele que nós esperamos a vossa generosidade para os nossos rapazes e para os nossos Pobres. Bem sabeis que nesta quadra todos nós esperamos muito de vós. Temos que distribuir aquilo que vós mandardes. Tudo aceitaremos para tudo darmos. Não te esqueças, é Natal.

SELOS USADOS — Não sabemos se por falta de notícias, se por outro motivo qualquer, não têm chegado encomendas de vulto. Temos promessas de várias pessoas, que ainda não mandaram porque ainda não tiveram oportunidade.

Mas são certas. Tão certas como estas que vamos passar a enumerar: da Purfina Portuguesa, que eu próprio recebi, entregues aos nossos vendedores, várias remessas; no Montepio, também bastantes; da Sra. D. Severina Alegria Rocha recebemos um envelope deles e aproveitamos para informar que já tinham sido recebidos mais noutra altura. Se não demos notícias foi porque nos passou. De Itália, muitos e bons; de Ana Maria Pedrosa, 6 envelopes cheios; de Maria Fernanda Ferreira Fino, também recebemos um envelope grande; da Av. Visconde Valmor, outra encomenda; de Henrique Vaz Fernandes, de Angola, bons selos; finalmente, o Quadro d'Honra desta vez vai para aquela senhora que nos tem mandado todas as colecções que têm saído. Nós ainda não lhe conhecemos o nome. Sabemos apenas que é «Uma amiga dos Gaiatos» e isso basta. O Quadro d'Honra, portanto, pertence-lhe com justiça.

Fazemos votos para que durante a quadra do Natal os nossos queridos leitores se lembrem da Campanha dos Selos Usados.

FUTEBOL — Tem o nosso Grupo realizado ultimamente alguns desafios com desfechos favoráveis e desfavoráveis. Aqueles mais do que estes. Analizando alguns desafios a que temos assistido, dizemos que a equipa não está no seu melhor, sobretudo no sector atacante, onde a ausência de valores individuais se tem feito notar. De qualquer modo o nosso Grupo sob a orientação do Sintra, tem treinado com regularidade, e é provável que daqui a umas semanas tenhamos a equipa que desejamos. Ela tem sido formada à base de elementos jovens como são o Magalhães, Sintra, Luís, Rafael, Favas, etc.

Ainda quanto a futebol, queremos anotar que é para o nosso Grupo uma honra ter cá jogado o último e actual «Imperador de Roma», Cesar Peres, que defrontou o nosso Grupo em Setembro de 1960. Que isto fique na história.

BOAS FESTAS — Por intermédio destas linhas, queremos desejar a todos os nossos queridos leitores um Natal muito feliz e um Novo Ano cheio das bênçãos de Deus.

Cândido Pereira

CONFERÊNCIA — Aqui estou para falar da nossa Conferência. Graças a Deus tem-se mantido sempre firme, com a ajuda dos nossos amigos e também com a boa vontade dos nossos confrades. Temos recebido, algumas ajudas: de uma amiga 40\$00, de Santo Antão do Tojal, 20\$50; de subscritores de Lisboa 321\$60; mais algumas amigas com 301\$70, de uma avó 20\$00, de J. Gonçalves Pereira 50\$00, de Fernanda Morais 40\$00, mais umas pessoas amigas com 303\$00, do assinante 4571, 20\$00; de um pedreiro no Tojal para os nossos Pobres 189\$90; de Lisboa, mais uma vez presente, 291\$60; das Caldas da

Rainha 50\$00, da Igreja dos Anjos 70\$00, de Fernanda Morais 40\$00. Também queremos agradecer a todas as pessoas que entregaram no Montepio Geral dinheiro e roupas para os nossos Pobres. A todos muito obrigado.

A nossa Conferência tem bastantes Pobres e quando nós lá vamos e perguntamos se precisam de alguma coisa, cada qual pede aquilo que necessita e os confrades, como não têm a maior parte das coisas que lhes pedem, ficam cheios de pena, mas como não desanimam, resolveram que pedisse, em nomes dos nossos Pobres, tudo aquilo que vejam que lhes faz jeito. Assim, no Natal já teríamos o caso resolvido, e os nossos Pobres bem agasalhados e contentes. E para terminar, desde já agradeço a generosidade dos benfeitores que se interessaram ou venham a interessar-se pelos nossos Pobres.

Rogério

Lar do Porto

Ontem, dia 1 de Dezembro, a Cruzada de Bem Fazer da Freguesia de S. Ildefonso sentiu o dever de prestar justa homenagem na Praça da República ao nosso querido Pai Américo.

Como não podia deixar de ser lá estivemos com grande respeito e gratidão.

Muitos senhores amigos da nossa Obra se fizeram apresentar e entre eles um senhor, que falou sobre o amor fraterno, frisando a Caridade que é raiz da nossa Obra e do padroeiro daquela Cruzada que é o nosso querido Pai Américo.

No final, esse mesmo orador, colocou um ramo de flores, de um doce perfume, representativas de uma homenagem tão alta à qual só se pode corresponder seguindo a

palavra de Deus, reflectida, então no jardim, «dai aos outros aquilo que vos sobra, ou então, que não vos faz falta» e esta palavra simplifica-se na palavra «AMOR» que todos devemos viver.

O Lar tem andado uma joia, se assim se pode dizer. Contudo estamos contentes; porém, dá-nos por vezes bastantes trabalhos a falta de um rapaz para cozinheiro. Já cá estiveram muitos mas, é claro, estes vão tomando os seus digníssimos lugares na sociedade e está em causa a canseira demorada da Senhora do Lar que nos é muito dedicada.

Muitas vezes temos atrasos às refeições. Mesmo agora que já temos grandes melhoramentos, entre eles o da cozinha que está beneficiada no máximo possível para que tudo se torne, não mais cómodo, pois não temos luxo, podemos crer, numa maneira a facilitar todo o serviço que é muito e está a cargo de nós todos.

Mas isto não é de maior, pois nós sempre nos arranjamos; o que nos preocupa, e muito nos custa crer, é a nossa Conferência com falta de recursos.

E vem aí o Natal, dia de alegria nos lares; assim o escrevem tantos esquecendo-se dos que não têm nada para comer e são doentes, muito doentes.

São os nossos Pobres; o meu, a «Entravadinha», morreu; mas ela não morreu abandonada como tantos de que somos testemunhas; a nossa Conferência socorre até ao último dia, com o amor fraterno à luz de Pai Américo.

Não os esqueçais, todos vós que ouvis e resta-me receber a resposta que vem com toda a certeza dentro do seu tempo e com um conteúdo de amor e dedicação. Já sabeis o que vos peço, queridos leitores, a vossa presença. Muito grato,

Orlando da Rocha

BELEM

ADVENTO — A nossa Mãe pediu-me para eu escrever alguma coisa para o jornal, porque ela agora não tem tido tempo.

Nós, as da Escola, agora andamos a desfiar folheto, enquanto não temos outro trabalho. Não sei se os senhores sabem o que é: são as capas que cobrem as espigas do milho; servem para encher colchões e almofadas. É um trabalho que não custa nada a fazer, mas nós dizemos umas para as outras que é muito aborrecido estarmos ali sempre sentadas. Já desfiámos 3 sacas, mas ainda temos muito para desfiar. A nossa Mãe como viu que andávamos na brincadeira, marcou todos os dias enchermos um canasto dele, mas bem calçado. Espalhávamo-lo todo e sujávamo-lo. Ele é muito preciso mas tem que ser limpinho. Por isso agora já temos mais cuidado.

Já estamos no Advento, perto do Natal, dá maneira que os Senhores não se esqueçam de nos ajudar a armar o nosso presépio.

Olhem que nós precisamos de muito dinheiro para acabar de pagar a nossa casa e a nossa quinta. Vejam lá se ajudam a tirar as dores de cabeça à nossa Mãe...

Ela pediu-me para agradecer muito a todos os Benfeitores que não têm esquecido de nós. Mas têm sido muito poucos. No próximo jornal vai sair a nota de presenças.

Então adeus, e um beijinho para todos.

Fernanda

Visado pela
Comissão de Censura

«O Gaiato» ★
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

TRIBUNA de Coimbra

O «Gaiato» tem levado paixões e tem feito apaixonados. Não é pela categoria das pessoas que o escrevem. Nem tão pouco a sua originalidade. Nem a elegância de termos e frases. É a sinceridade da Doutrina do Senhor que fala e se queixa e aplaude e estimula e ama. Pai Américo foi único. Todos os que tiveram e terão de o continuar são do comum dos mortais.

Anteontem uma pessoa doente dizia-nos: o vosso jornal tem feito muitas conversões. Este irmão doente, de 83 anos, nunca deixa de o ler e meditar. A leitura dá-lhe prazer espiritual.

Recorda-me muitas vezes um conselho que Pai Américo repetia a seus padres: Escrever faz parte da nossa vida; e fazê-lo como quem reza. Escrever na presença do Senhor. Havia de ser sempre de joelhos. O nosso jornal tem um auditório de cem mil pessoas que o aceitam.

Certos desta verdade temos trazido a lume muitos assuntos sociais que nos afligem. Talvez sejam fruto da falta de luz. Con-

fiados nisto atrevemo-nos a falar.

Ontem visitámos um médico amigo que esteve tempos internado num estabelecimento hospitalar. Vinha ferido com a especulação e abandono a que sujeitam certos doentes. «Venho incomodado. Procurei observar tudo enquanto por lá andei. A parte cirúrgica está quase por toda a parte uma desgraça. Lida-se com o doente na sala de operações sem o mínimo de consideração humana. Não se respeita sequer a vida da pessoa. E então se cheira a dinheiro vêm todos os colegas e todos comem à valentona».

Estamos cansados de queixas deste teor. Os jornais já têm falado. Há polémicas publicadas. Mas a verdade é que tudo corre na mesma ou pior.

Têm-se tabelado as coisas do pobre agricultor que definha à volta com a terra. Têm-se regulado salários e vencimentos e quase todas as coisas necessárias à vida. Salários e vencimentos alguns que não chegam para o pão de cada dia. No campo da medicina cirúrgica não poderia haver

também alguma coisa a regulamentar?

Já não queremos falar em taxar intervenções cirúrgicas ou abolir totalmente o pagamento do piso de sala. Mas um pouquinho mais de justiça e de consciência profissional! Mais respeito pela vida do semelhante! Como poderemos aceitar clínicas e casas de saúde que sejam autênticas casas comerciais da saúde alheia? Como se pode compreender e aceitar que se leve por uma hora ou umas horas de trabalho uns largos milhares de escudos, mesmo que o resultado não seja satisfatório? Onde há uma base de justiça?

Serão crimes repugnantes sómente aqueles do teor dos que ultimamente nos têm ferido?

P. S. — Na véspera de Natal à tarde, se Deus quiser, iremos fazer o Natal dos doentes.

Iremos visitar todos os dos Hospitais de Celas. Queres acompanhar-nos, se não com a tua presença, ao menos com a tua oferta?

P.e Horácio

Notícias da Conferência da nossa Aldeia

NATAL — Estamos já perto de uma das maiores senão a maior festa da cristandade. E, como habitualmente, não podemos deixar de lançar um SOS a todos e cada um dos nossos leitores. Temos a Consoada à porta. E os Pobres já espera dela. Ora, sem a vossa participação, como poderemos manter a tradição? Esperamos a vossa ajuda. O pouco de muitos tem mais valor que o «bolo» de um só. Tem, sim senhor. A nossa Obra, além do mais, é uma prova concreta disso mesmo.

O QUE RECEBEMOS: Ao longo do nosso silêncio houve presenças. Aquelas presenças que jamais arrefecem. Abre o meu antigo professor de contabilidade com 600\$00. Mais 50\$00 pelo «7.º aniversário do falecimento do nosso querido filho adoptivo». Metade de Baltar. Aqui tão pertinho! E mais 20\$00 «pela passagem do aniversário natalício do meu querido irmão falecido há 43 anos». O mesmo de N.. O simpatia! Outros 20\$00 do Porto. E 50\$00 de um grande amigo de Cabeceiras de Basto. Mais 30\$00 de uma minha Comadre de Matosinhos. A «Viuva do Porteiro» segue com 20\$00. Da Horta-Açores, 120\$00. Metade do assinante 17.992. E muito obrigado pelas referências ao Famosíssimo. Mais 40\$00 da assinante 17022. E 10\$00 de um meu antigo condiscípulo. E 50\$00 da assinante 7696. E 60\$00 de Lisboa. E mais 200\$00 de Nova Lisboa — Angola. Alegrem-se, amigos d'África! Agora já aí nos tendes. Estamos aí porque Deus quer e para dilatar ainda mais o Seu Reino. Temos mais 20\$00 da assinante 17740. E mais 50\$00 de um anónimo. Mais 10\$00, de velha amiga. Mais 50\$00 da Murtosa. Mais o dobro da assinante 27060. Mais uma vez a assinante 17022, com 40\$00. Mais 200\$00 do Porto. Mais uma série de presenças de uma funcionária dos C. T. T. de Lourenço Marques. Mais 10\$00 da Invicta. Outra vez o Porto, pela mão do nosso Lourenço, com «40\$00 de uma senhora amiga da Obra». 15\$00 de uma cliente da nossa Tipografia, em Chão Verde. E ainda mais 80\$00 da assinante 17022. Isto é que é ser persistente! Finalmente, 10\$00 de Milheiros - Maia, por intermédio de um Vicentino de Rio Tinto. Para todos o nosso muito obrigado.

Júlio Mendes

SETUBAL

Cont. da TERCEIRA página bom trabalhador: — irradia luz e escuridão.

Cobertores: Temos muita necessidade. Passamos frio e os nossos Pobres também. Tenho ido à minha cama tirar os meus. Agora não posso mais. Quem me dera que este anúncio vá às mãos do amigo que já por duas vezes nos mandou 100. Quem me dera.